

MOMENTO *feminino*



ÊSTE MENINO BONITO, FORTE, ALEGRE E' UMA PROMESSA E UMA ESPERANÇA. PARA ÊLE HOJE O MUNDO NÃO TEM AINDA A CÔR E O TOM QUE VÊM E SENTEM OS OLHOS ADULTOS. OS MENINOS DE HOJE TERÃO UM MUNDO MELHOR AMANHÃ, ESSA A ESPERANÇA DE TÔDAS AS MÃES

PRIMEIRO DE MAIO

Saudamos vocês, mulheres de todas as raças, de todos os credos, de todos os países do mundo; mulheres que trabalham nas fábricas, nas oficinas e nos escritórios, saudamos vocês todas, neste primeiro de maio, dia internacional do Trabalho.

Levamos-lhes neste dia aquilo que de melhor guardamos em nós: a nossa ternura pelos que tudo produzem, a nossa fé na Democracia a nossa convicção no futuro quando a Liberdade tiver conquistado em definitivo o seu lugar na terra.

Esta data nasceu de uma luta. Tem vivido dentro dela. Nesse dia comemora-se aqueles que tombaram por mais salário e por uma vida melhor. Neste dia comemora-se todo o trabalho mundial que constrói, que cria, que beneficia a humanidade. E as mulheres do mundo atual são parcela viva e eloquente desse trabalho.

Saudamos vocês, mulheres trabalhadoras com o voto de um futuro melhor, com a esperança de um próximo primeiro de maio sem reação, sem tirania, com as grandes festas que só a Liberdade, que só a Democracia podem proporcionar aos que trabalham.



EM DEFESA DAS MULHERES

A onda de terror desencadeada neste País tem arrastado em suas malhas sangrentas, várias mulheres que tem sido presas, batidas e insultadas. Uma tecelã de 60 anos teve seu corpo cansado de trabalhar, maltratado e aberto em feridas.

Esses métodos impróprios de uma civilização essa falta de respeito à mulher naquilo que ela tem de mais precioso: a sua dignidade, enlutam e comovem as mulheres do Brasil.

Aqui o nosso protesto e nosso apêlo às mulheres em geral para defesa e respeito de nossos direitos.

A MULHER NOS 5 CONTINENTES



Realizaram-se as eleições na Itália com o entusiasmo e o ardor de um povo que luta pelos seus direitos. As mulheres italianas pertencentes à todas as camadas sociais e todas as profissões cumpriram o dever do voto de acordo com suas convicções.

FRANÇA

Constituiu-se um Comitê Nacional de auxílio à Grécia democrática, agrupando várias organizações progressistas e muitas personalidades evidentes. A esse Comitê aderiram mulheres estudantes, etc.

INGLATERRA

Um trecho do manifesto das mulheres inglesas contra a guerra diz: "Sabemos que os Estados Unidos consagram 47% de seu orçamento para as despesas militares, que possuem bases aéreas e navais na mundo todo; que se recusam ao controle de seu estoque de bombas atômicas, que nesse país é realizada uma propaganda frenética na imprensa e no rádio por uma guerra; que o Governo de Trúman auxilia os governos reacionários ou fascistas como Franco, Sophoulis, ou Tchan-Kai-sek; que o plano Marshall é um instrumento de guerra".

Por tudo isso as mulheres inglesas que tanto sofreram com a guerra lutam denodadamente pela paz.

RUMANIA

A senhora Eugênia Radacanu, deputada Socialista, vice-presidente da União das Mulheres democratas da Rumania declarou que as mulheres, mães ou esposas, desejam calma e felicidade para seus lares e que é dever de todas lutar pela paz, pela liberdade, contra os imperialismos instigadores de guerras.

CHINA

As mulheres obtêm grandes vitórias nas Regiões Libertadas. Em todos os programas administrativos dos governos democráticos dessas regiões é estipulado que as mulheres são iguais aos homens tanto no plano político quanto no econômico, jurídico e social.

BRASIL



As comerciárias aguardam o aumento de seus ordenados que está sendo entravado pelos Sindicatos Patronais.

AS VITIMAS DE DEODORO

A tragédia de Deodoro, já vai longe e os jornais deixaram o sensacionalismo. Mas se a fumaça do fogo e das granadas desapareceu, restam ainda os mutilados, os feridos e as famílias dos que ficaram.

Maria Assunção de Oliveira, Zelina Ribeiro Costa, Acidalia de Oliveira, Noelita, Giovana, Adelma, Celina Alves, Idalma Barroso, Alcinda, Laura, Josefa Gomes de Oliveira e Elza Bispo dos Santos, tantas jovens que de um momento para outro perderam a vida...

Josefa Gomes de Oliveira deixou 3 filhos... e um paralítico. Operária, ganhava 18 cruzeiros por dia e com isso sustentava a sua família... Zelinda Ribeiro Gomes, de apenas 15 anos... também deixou de existir. Ambrosina da Costa Muniz, esposa de Mario, que também faleceu, falou à nossa reportagem:

— Não me conformo! Foi tudo tão de repente... Fiquei com 2 filhos pequenos. O que posso fazer agora? Vim buscar a carteira dele para ver se consigo aposentadoria... Se pelo menos conseguisse isso... Preciso sustentar os meus filhos.

Falemos também com o marido de Celina Alves, também operário na Vila Militar.

— Coitada da Celina... E nós temos uma filhinha de 2 anos. Minha sogra também está ruim, está passando mal, depois dessa tragédia.

Vicência de Matos, também operária, tem 4 filhos pequenos. Ela nos mostra o braço engessado.

— Nós operários daqui, não estamos em nenhuma companhia de Seguros. E eu não posso trabalhar. Se conseguisse algum auxílio, pelo menos roupas e comida, seria uma graça de Deus. Não sei como aconteceu essa explosão. As vezes acontece.

Falamos ainda com um capitão sobre os acidentes ao ar da explosão.

— É preciso notar que apesar de tudo as mulheres foram de um heroísmo sem nome. Não houve gritos, nem "chiliques". Elas se portaram magnificamente. Depois da primeira explosão, formamos uma unidade e elas obedeciam as ordens de deitar e avançar, com serenidade e disciplina. Foi uma prova de grande valor por parte de todas as operárias.

Os feridos estão em diversos hospitais. Ontem mesmo um deles faleceu. Mas a disciplina e as ordens bem dadas evitaram que o número de mortos e feridos fosse maior.

Visitamos também a fábrica de tecidos de Deodoro, que, em consequência da explosão, foi totalmente destelhada. Devido a isso ficaram feridos uns 50 operários. Falamos com alguns deles:

— As telhas caíram que pareciam chuva. Mas os ferimen-

tos não foram muitos. Só o Angelo Gonçalves sofreu muito. Quebrou a cabeça, perdeu 3 dedos do pé e parece que um braço também. Ele vai passando mal.

Tomamos informações a respeito das providências tomadas e nos esclareceram que por lei, estavam todos assegurados e estavam sendo medicados.

Falamos com muitas pessoas sobre o acidente. Uns acaham que foi a pólvora negra que estava sendo trabalhada. Outros, alegam que foi um acidente. Um deles deu uma resposta interessante:

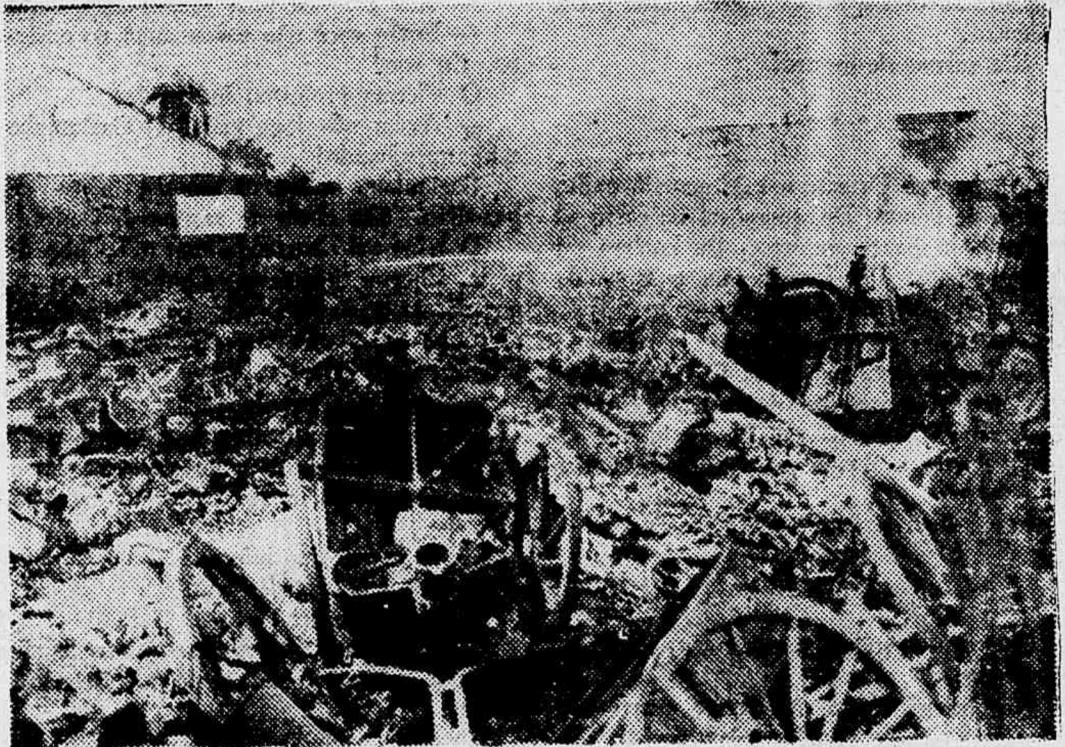
— Onde há explosivos há explosão.

Um outro lembrou aquele acidente de trágicas consequências que quase arrasou uma cidade nos Estados Unidos. Explodiu um navio cheio de "trotel"...

Mas de qualquer forma, os cuidados devem ser os máximos. Não é justo que as operárias paguem com a vida em



Acidalia Silva de Oliveira



UM ASPECTO DA CATASTROFE. ESCOMBROS E MAIS ESCOMBROS

acidentes desta natureza. Ganham poquíssimo, trabalham muito, e sua vida deve ser assegurada. Elas precisam de novas e melhores condições de trabalho. É indispensável que se pense nesses civis, que, ao lado dos militares arriscam a sua vida a cada momento. As vítimas também estão a espera dessas providências, a espera de roupas, remédios e ajuda. Faça você também alguma coisa, leitora, no sentido de auxiliar as famílias dessas vítimas. E que o governo também não se esqueça das pessoas que estão à espera de socorro.

Pedimos mais auxílio para às vítimas!



Laura Rosa Cardoso



A Assistência Pública ininterruptamente socorre as vítimas.



Muitos morreram, muitos ficaram feridos. E as famílias das vítimas pedem auxílio.



Delena Pereira de Almeida

GAETANINHO

ANTÔNIO ALCANTARA MACHADO

CHI, Gaetaninho, como é bom!
Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford. O carroceiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

— Eh! Gaetaninho! Vem para dentro.

Grito materno sim: até surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento viu a mãe e viu o chinelo.

— Súbito!

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantanea e varou pela esquerda porta a dentro.

Eta salame de mestre!

...

Alí na rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de entêrro. De entêrro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um carro.

O Beppino por exemplo. O Beppino naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas como? Atrás da tia Peronetta que se mudava para o Arajá. Assim também não era vantagem.

Mas se era o único meio? Paciência.

...

Gaetaninho voltou para o seu pôsto de traveseiro.

Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério.

Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o entêrro. Sobretudo admirando o Gaetaninho.

Mas Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir carregando o chicote. O desgraçado do cocheiro não queria deixar. Nem por um instantinho só.

Gaetaninho ia herrar mas a tia Filomena com a mania de cantar o *Ai, Mari!* tôdas as manhãs o acordou.

Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de ódio.

...

Tia Filomena teve um ataque de nervos quando soube do sonho de Gaetaninho. Tão forte que ele sentiu remorsos. E para sossego da família alarmada com o agouro tratou logo de substituir a tia por outra pessoa

numa nova versão de seu sonho. Matutou, matutou e escolheu o acendedor da Companhia de Gás, seu Rubinho, que uma vez lhe deu um cocre danado de doído.

Os irmãos (êsses) quando souberam da história resolveram arriscar de sociedade quinhentão no elefante. Deu a vaca. E eles ficaram loucos de raiva por não haverem logo adivinhado que não podia deixar de dar a vaca mesmo.

O jôgo na calçada parecia de vida ou morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando.

— Você conhecia o pai do Afonso, Beppino?

— Meu pai deu uma vez na cara dêle.

— Então você não vai amanhã no entêrro. Eu vou!

O Vicente protestou indignado:

— Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!

Gaetaninho voltou pa aro seu pôsto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas. Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

— Passa pro Beppino!

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.

— Vá dar tiro no inferno!

— Cala a boca, palestrino!

— Traga a bola!

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou.

No bonde vinha o pai de Gaetaninho.

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

— Sabe o Gaetaninho?

— Que é que tem?

— Amassou o bonde!

A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.

...

As dezesseis horas do dia seguinte saiu um entêrro da rua Oriente e Gaetaninho não ia na boléia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flôres pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boléia de um dos carros do cortejo mirim exhibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino.

(BRAZ, BEXIGA E BARRA-FUNDA)

O que é independência!

NICE FIGUEIREDO

Já que nós, mulheres, pretendemos obter os mesmos direitos que os homens têm, e já que estamos convencidas que a independência econômica é o único meio de conseguir a igualdade desejada, devemos indagar a nós mesmas o que é independência e o que é a independência econômica.

INDEPENDÊNCIA é a capacidade de agir por si próprio, o poder de realizar a própria vontade, é a força que exige liberdade.

Si você, leitora, é uma mulher capaz de orientar a sua vida sem precisar dos conselhos de todos os seus parentes vizinhos, si você resolve os seus problemas morais ou de qualquer outra espécie sem exigir a ajuda de amigos; se você luta para realizar um ideal mesmo contra o ambiente em que você vive; si você tem a coragem de sofrer para não obedecer servilmente; si você prefere perder o conforto, o luxo e a comodidade para sustentar a sua opinião e a sua vontade ou para não fazer o que lhe parece errado, então, você pode ser independente.

Você só será realmente independente si for capaz, além de tudo, de bastar-se a si própria, de trabalhar e sustentar-se, de se vestir, comer e morar na sua própria casa, ou de contribuir com a sua parcela para a satisfação das necessidades do grupo em que você vive.

Esta é a independência econômica que lhe permite ter independência moral. Veja bem leitora a independência econômica não cria a independência moral, apenas garante. Mas é difícil, sinão impossível, ter-se independência moral si não se tem a econômica.

A mulher casada que veste, come, e se diverte as custas, exclusivamente, do dinheiro do marido, não pode sustentar, sem riscos, uma opinião contrária a dêle. O mesmo se dá com uma mulher solteira que viva as expensas do pai, da mãe, ou de um parente.

Esta regra vale, também, para os homens "filhos de papai e da mamãe".

Temos, pois, de concluir, que o direito de agir por si próprio e de sustentar e realizar a sua vontade é proporcional á capacidade de prover a sua subsistência.

Uma vez garantida a sua independência moral e econômica, leitora, você estará apta para lutar pela obtenção dos direitos que ainda lhe são negados, você poderá ter, em face da lei e da sociedade, a mesma posição que os homens por que você terá as mesmas responsabilidades que eles.



CAMPOSSANTO

Poema de Maura de Sena Pereira

Passei a manhã na cidade dos mortos da minha cidade.

À beira da tumba dos meus mortos, plantando ali, com gratidão, a semente da qual, na primavera, sairá um cacho novo, uma flôr esquis.

Passeando,, depois, entre musolêus faustosos e lápides hú-
[mildes]

Olhando a terra remexida das tumbas frescas, a água triste nos jarros abandonados. Passei a manhã na cidade dos mortos e trouxe de lá uma homenagem maior à vida.

Parece que meus pés andaram sugando seivas estranhas naquelas terras em que os mortos se misturaram. Haurindo apêlos cáusticos das ossadas frias.

Seivas, apêlos que me subiram às células, às veias, aos ramos vivos dos meus braços, à fronde agitada dos meus pensamentos. Parece que, pelas raízes móveis dos meus pés, ganhei energias possantes e, voltando, saudei as cachoeiras do caminho, as avencas e os cedros.

Saudei a luta, o sol. Mas eis que, nessa plena integração nos seres e nas cousas, nessa ansia de viver e de amar em todos os minutos, começou a pulsar minha apóstrofe rebelada contra tudo que não deixa a vida breve ser uma deliciosa caminhada.

MARIA AUGUSTA RUY BARBOSA

A viúva do grande Ruy Barbosa — o democrata, o ardoroso defensor do direito das gentes — morreu dia 27 do corrente.

Com a sua morte foi doado a Casa de Ruy Barbosa as cartas de amor que ele escreveu àquela que foi sua noiva querida e esposa amada.



REVISTAS DE VARIOS PAISES
Cultura Política — Filosofia — Ciência

Pedidos pelo Reembolso Posta!

EDITORIAL VITORIA LTDA.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio

SEMANA DAS UNIÕES FEMININAS

APOIO DAS MULHERES AS VITIMAS DE DEO DORO — UMA PALESTRA SÔBRE A CARESTIA

APOIO DAS MULHERES AS VITIMAS DE DEODORO

Diante do lamentável e doloroso incêndio de Deodoro que vitimou centenas de pessoas, iniciou-se nos subúrbios da Central um movimento de solidariedade aos feridos e famílias dos mortos, tendo a frente, comissões de senhoras e União Femininas.

Estas senhoras informaram-nos de que estão seguras que não faltará o apoio de todo o povo e principalmente das mulheres, para uma iniciativa como esta, que vai levar não só o apoio moral como também material a criaturas que viviam já modestamente com seus pequenos ordenados e que por certo grandes dificuldades estão sofrendo neste momento.

Em Bento Ribeiro um grupo de senhoras saiu à rua em bando precatório, pedindo ao comércio e às famílias, gêneros, donativos em geral para levar às famílias vitimadas.

A União Feminina de Madureira percorreu a feira, em comando, adquirindo frutas e doces que foram entregues aos feridos hospitalizados no Hospital Carlos Chagas, por intermédio de uma comissão que ali esteve.

A União Feminina do Riachuelo e a de Jacarepaguá fizeram visitas também aos feridos hospitalizados em Marechal Hermes levando frutas, biscoitos, etc.

Outras comissões já estão se movimentando no sentido de levar àquelas criaturas todo o seu carinho em face de tão doloroso desastre que veio encher de tristeza os nossos corações.

É realmente uma iniciativa interessante a das mulheres dos subúrbios e que deveria ser imitada por todas as organizações femininas. Todo ente necessitado precisa de ajuda e estas comissões poderiam ser permanentes nas organizações femininas, para todas as eventualidades.

UMA PALESTRA SÔBRE A CARESTIA

Realizou-se terça-feira última uma interessante palestra sôbre "Os problemas da carestia de vida" promovida pela Associação Feminina do Leblon e a União Feminina da Gávea, em prosseguimento à segunda fase da campanha contra a carestia, que culminará com uma grande exposição, em que as diversas associações femininas demonstrarão os constantes aumentos nos preços dos gêneros e das utilidades.

A palestra foi feita pela sra. Otavia Konder e a finalidade da mesma foi a de esclarecer as associadas as causas da carestia, a fim de que melhor possam trabalhar e lutar pelo seu bem-estar e o de suas famílias.

Brilhantemente, a conferencista demonstrou com dados concretos, o elevado custo de vida que vem se processando no Brasil, de 1938 a 1947, comparando-o a outros países que estiveram muito mais envolvidos do que o Brasil, na guerra.

Assim, demonstrou a oradora, que, partindo do índice "100", verificaram-se os seguintes aumentos, nos países abaixo:

	1938	1939	1943	1947
Inglaterra	100	103	129	132
Suécia	100	100	142	146
Suiça	100	101	149	155
Noruega	100	102	151	161
Holanda	100	100	149	183
Portugal	100	100	154	208
Tchecoslováquia	100	103	158	309
Bélgica	100	—	185	332
Turquia	100	101	347	354
Finlândia	100	101	190	471
França	100	101	209	883
Itália	100	—	—	4.698
Grécia	100	100	—	25.154
Brasil (S. Paulo)	100	100	150	334

A "Fôlha da Manhã" de S. Paulo, em 10-12-47 mostra o que comprava uma dona de casa com Cr\$ 100,00, em 1938 e o que comprava em 1946

	1938	1946
Açúcar	4 kg.	1.200 gramas
Arroz	4 kg.	1.700 "
Banha	1 kg.	300 "
Batata	5 kg.	900 "
Café	2 kg.	600 "
Carne	5 kg.	1.500 "
Xarque	2 kg.	400 "
Feijão	5 kg.	1.400 "
Leite	5.000 gr.	1.800 "
Manteiga	2 kg.	600 "
Milho	3 kg.	100 "

Pão	7 kg.	2 kg.
Sal	1 kg.	200 gramas
Toucinho	1 kg.	300 "
Ovos	2 dz.	1/2 dúzia

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que a maioria dos gêneros alimentícios teve seus preços majorados em mais de 100%.

	Dez. de 1945	Jan. de 1948
Carne	3,50	7,20
Xarque	8,50	13,00
Banha	8,90	25,00
Açúcar	1,45	3,20
Arroz	2,80	4,30
Farinho trigo	2,90	6,60
Feijão	2,00	4,80
Leite	1,60	3,00

A par destes constantes aumentos, diz a oradora, os salários e ordenados estão congelados. Diz que é errada a política de congelamento de salários, e que é corrente dizer-se que, aumentando os salários, aumentam os preços das utilidades. A verdade é que os preços aumentam diariamente e os lucros dos industriais são cada vez maiores, portanto se estes lucros forem diminuídos os salários poderão ser aumentados, sem que o aumento seja descarregado nas bolsas do povo. Portanto, diz a oradora, as donas de casa, as mulheres, etc. devem ajudar seus maridos e suas famílias, incentivando ao mesmo tempo a luta contra a carestia de vida e por aumento de salários.

Concluindo, diz que diante dos dados expostos, a única forma que as mulheres têm para evitar a crescente carestia e enfrentar as dificuldades, é a organização e o reforço das União e Associações Femininas existentes, engrossando assim o movimento feminino e forçando o governo a tomar medidas contra os tubarões. A luta deve ser implacável diz ela, continua por meio de protestos, idas às Câmaras, passeatas, artigos, etc.

Ao terminar a palestra, a oradora foi muito aclamada e dela, saíram as presentes mais e decididas a prosseguir em sua campanha contra a carestia.

M. P. e SILVA (D. Federal) — Sua letra apresenta características impressionantes. Principalmente no que diz respeito à sua vida mental. Trata-se de uma vigorosa inteligência, orientada num sentido pouco prático, originando-se daí sérios conflitos de ordem psicológica, que criaram distúrbios nervosos muito prejudiciais.

É um grande falador. Poderosamente armado de argumentos realmente contundentes e irresponsáveis. Na vida afetiva ou sentimental, é dramaticamente incontentável. Sofrendo, por isso bastante. Mas fazendo sofrer muito mais...

INDIA (D. Federal) — Senhora apressada, jovialíssima, extremamente simpática

e amável. Tem um grande coração, apesar de muito intelectualizada, e quase científica em todas as suas concepções... É devotadíssima às suas afeições, muito persistente nas iniciativas que toma e extremamente ponderada em todas as suas atitudes.

Sabe agir com inteligência, mas zanga-se facilmente e costuma chorar de raiva...

JULIETA DO ROMEU (D. Federal) — Uma grande sensibilidade artística e senti-

mental. Certa vaidade e nervosismo. Método, ordem e bom senso. E grande impetuosidade nos sentimentos e nas deliberações. Deve arrependê-se frequentemente. Mas, em compensação sabe viver lindamente.

BIBINHA, Capichaba (Vitória) — Sua letra revela uma da nos moldes antigos, dos "não fica bem", "isso é impróprio para uma moça", etc., etc. Por isso a sua vida íntima ressent-se de liberdade, de franqueza e de expansão. Seus recalques são numerosos e sua ansiedade ao explodir vai causar pânico e escândalo. Há também vestígios de excessiva submissão a ascendência de alguém, quase aniquilada a própria personalidade, que, livre, poderia ter vigores formidáveis de realização. É muito sensível e cautelosa, muito escravizada a fórmulas de procedimento incompatíveis com a sua natureza

forte e impetuosa. Sua tendência é mística e artística, mas deve libertar-se das influências inúteis que pervertem a capacidade de ação espontânea e natural, para envolver-se numa onda de luz que lhe mostre o verdadeiro caminho da inteligência, emancipada e vencedora. É muito sensual e egoísta mas também tem rasgos de generosidade...

MARY (D. Federal) — Não creia no que dizem. Afinal há tanta mentira correndo mundo. Mas, é com o maior prazer que vou dissecar a

sua alma. (Vê que perigo?) Você é muito sensata, mas apesar disso, tem um humor extraordinário. Leva a vida com sabedoria e cautela. E sabe fazer coisas grandiosas. Adora todas as artes, mas a música atua de forma preponderante na sua sensibilidade. Todas as fibras do seu coração vibram, numa doce percussão de uns lindos olhos masculinos. Mary a sua letra revela que você está apaixonada... É verdade? ou deixarei de ser a "tal"?

ARMANDA (Rio) — Concentração. Observação silenciosa. Perspicácia aguda, nervosismo, deliberação irrevogável, inteligência clara e grande capacidade intelectual. Lealdade, subtilidade, bom humor e sarcasmo. Apesar de tudo isso, que grande emotiva e que grande romântica!

GRAFOLOGIA

GILDA

A LETRA REVELA A PESSOA !

PEÇA UM RETRATO GRAFOLOGICO

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO

ADVOGADA

ARCELINA MOCHEL

Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil sob o n.º 5.423

Escritório:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32, 2.º — Tel. 23-4295

Beleza

Pequenos conselhos



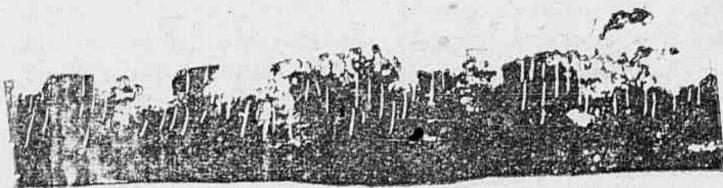
CABELOS

Paris mandou às mulheres uma ordem. Cortai os cabelos! Ontem eles eram longos como os cabelos de Julieta (a do Romeu). Os penteados mais estranhos e mais caprichosos surgiam emoldurando rostos bonitos e feios. Os cabelereiros especializavam-se em toucados. Os cabelos longos prestavam-se a todos os sonhos da arte do penteado.

Paris achou que a saia cumprida, o casaco cintado, exigiam um contraste com os cabelos. E deu a ordem:

"Abaixo os penteados! Viva os cabelos curtos.

Em nossos modelos o corte da moda. Assim é que são as cabeças obedientes ao último grito da moda.



Especialidade em Roupas de Senhoras e enxoval para casamento e batizados

JOAQUINA ELIAS

MODISTA

Rua Dagmar da Fonseca n.º 110 —
Ap. n.º 103 — Madureira — Rio



1



3



2

1 — Não durma com travesseiros altos pois eles lhe darão uma posição errada que favorecerá o desenvolvimento da chamada "papada".

Durma o mais possível em linha reta; você assim respirará melhor e terá um sono mais repousante.

2 — Evite apoiar-se nos cotovelos. O hábito de usá-los a todo momento para segurar a cabeça, etc. faz com que eles fiquem enrugados e escuros o que prejudica a beleza dos braços.

3 — Não morda os lábios a toda hora. É um "tic" que deforma a boca, provoca rugas, resseca e fere a mucosa dos lábios.

4 — Não tire o "maquillage" esfregando algodão de cima para baixo. Isso enfraquecerá (e portanto tornará flácidos) os músculos do rosto.

A limpeza com um bom creme deve ser feita sempre de baixo para cima.

5 — Não deixe que sua testa fique franzida. As rugas se tornarão mais fortes e para elas não há idade que impeça. Lute contra o hábito de franzir a testa para tudo.

6 — Não róa as unhas nem tire com os dentes essas pequeninas carnes que surgem às vezes no dedos. Suas mãos ficarão defeituosas e sua boca também.

Tradora



4

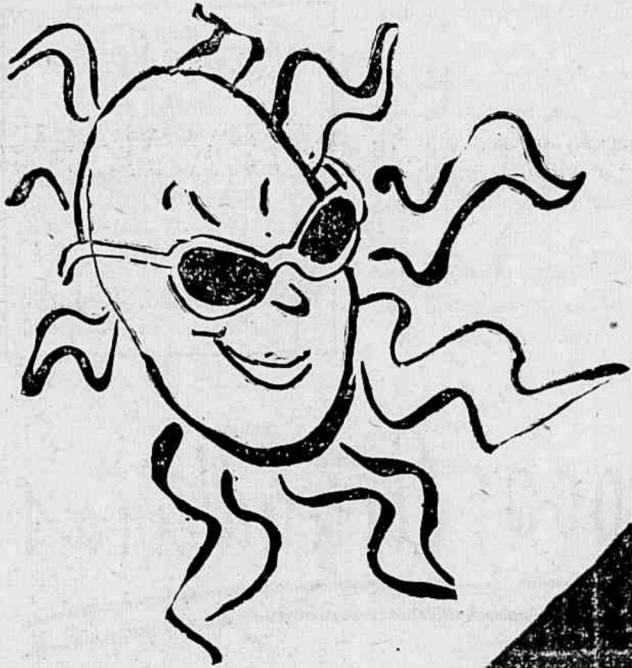


5



6

VERANICO DE MAIO



Modelos



Quem não conhece essa expressão popular? Em maio há dias frios e outros quentes. Apesar de ser oficialmente instalado o inverno em maio (começam os espetáculos no Municipal, descem os veranistas as casas de modas iniciam, a exposição de suas toilettes de inverno, etc.) apesar de ser maio o mês das flores, dos namorados, das novenas, das noites de lua fria, há uns dias quentes com um sol morno, pedindo toilettes mais leves que as do inverno e mais pesadas que as do verão.

É a época dos belos vestidos estampados, dos elegantes costumes de tropical, das capas jogadas no braço dizendo ao dia que se o frio vier, derepente, será vencido.

O povo chama esses dias cariocas de "veranico de maio". São para eles, os nossos modelos de hoje em estampados pesados. Reparem que o preto e branco é sempre muito elegante e nunca saiu da moda.



ASSINE

MOMENTO
feminino

3 MESES . . . CR\$ 12,00
6 MESES . . . CR\$ 22,00
12 MESES . . . CR\$ 40,00

Pedidos para a Gerente

Luiza Regis Braz

Caixa Postal, 2013

.RIO DE JANEIRO.

O problema das fraldas - evitar assaduras

DRA. ELINE MOCHEL MATOS



Uma fralda molhada, deve ser mudada imediatamente por outra bem seca, bem lavada e passada a ferro. Nunca deixar secar uma fralda molhada de urina para ser usada novamente.

As fraldas molhadas devem ser postas de molho, para logo serem lavadas. Se a fralda está suja de fezes, deve-se primeiro sacudir na privada, depois pô-la de molho para então lavar-se. Nada de misturar fraldas sujas. Para lavá-las o melhor é fazê-lo em água quente com bastante sabão ou então depois de lavá-la em água fria, jogar água bem quente por cima.

Há quem ferva durante uns 10 minutos. Depois de lavadas é importante enxaguar-se muito bem em várias águas até sair bem todo vestígio de sabão. Em seguida, secá-las ao sol e passar a ferro.

Porque se deve fazer isto? Porque a presença do sabão nas fraldas vai irritar a pele da criança, nas nádegas e nas coxas provocando assaduras.

Essas assaduras, ardem, coçam e doem, incomodam muito as crianças, às vezes abrem-se em feridinhas que se contaminam podendo resultar daí inflamações sérias e graves.

Muito cuidado, portanto com as fraldinhas de seu bebê?

Nem sempre se dá a merecida atenção ao problema das fraldas, como um fator capaz de prejudicar a saúde de um bebê. É claro que a falta de esclarecimento é responsável por muitos desses acidentes. Pouco lêem as mães, principalmente as mães trabalhadoras. Sabemos bem porque: muitas nem sabem ler e as que o sabem, pouco tempo lhes resta para pensar no filhinho e nos cuidados que devem ter com ele.

A vida atribulada de uma dona de casa ou de uma mulher que trabalha, se reflete no seu filho; na maioria dos casos mal cuidado, mal alimentado.

Nos momentos de crise econômica como a que agora atravessamos, as crianças são as maiores vítimas. Bem entendido, as crianças filhas da classe trabalhadora à quem tudo falta.

Mas, vamos ao caso das fraldinhas.

Nossas famílias

No dia 1.º de Abril, Uberlândia, teve a oportunidade de assistir uma festa, que pode-se dizer inédita, pois o casal — Angelina — Magrine — comemoraram 70 anos de casados, neste ano de 1948.

A festa foi muito concorrida; apesar da casa ser pequena, tem um pátio de 80 metros quadrados. Foi aí que o povo dançou até alta hora. Houve discurso em comemoração ao casal. Não deixamos, também de mostrar aos presentes a vantagem de organizar Uniãoes Femininas, comparando a vida que o casal levou, com todas as dificuldades, mas que hoje em dia, a vida está mais difícil ainda.

A festa foi preparada pelos moradores do bairro. E assim passaram umas horas mais alegres.

D. Angelina conta 89 anos de idade e o sr. Magrine, 97. Esse casal, no período de casados conseguiu ter desesete filhos, dos quais 8 escaparam com vida. Foi com muita dificuldade que conseguiram atravessar essa existência, pois eram trabalhadores assalariados. Hoje vivem praticamente, quase que abandonados, sem conforto adequado para velhos que muito lutaram na mocidade. O sr. Magrine, bem idoso já, quando não podia mais ser pedreiro, abandonou o ofício. Mas ele sentia a responsabilidade da casa, pois tem em sua companhia a esposa e uma filha, que precisava sustentar.

Que fez ele então? Fazia jiquiz de arame para pescadores. Era com isso que ainda por alguns anos conseguiu ganhar o pequeno sustento para o seu lar.

A filha que estava em sua companhia casou-se. Como

arrimo para os velhos veloz o genro, que é sapateiro, é com o magro salário de 30.00 ou 40 cruzeiros consegue sustentar os velhos e a esposa.

O sr. Magrine, de uns 8 anos para cá, nem os jiquiz, pode mais fazer, pois, devido a idade os nervos das mãos não se movem com tanta facilidade.

Velhice desamparada!

É este o agradecimento de uma nação, aos que tudo fizeram no passado, sem pensar que estava reservada uma velhice sem amparo.

E assim são milhões que estão por aí sofrendo do mesmo modo, ou pior.

Devemos desde já organizar nossas Uniãoes porque é nelas que lutaremos pelo amparo social, desde a infância, até a velhice.

MOMENTO FEMININO

Diretora:
ARCELINA MOCHEL

Gerente:
LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
Sala 715 — C. Postal 2013
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

1.000 Assinaturas

AMIGA!

Vamos lançar uma campanha para conquistar mil assinantes para MOMENTO FEMININO.

Venha trabalhar conosco. Naturalmente você está pensando que precisa angariar mil assinantes para receber um prêmio. Não. Não é assim o nosso concurso. Queremos que um grande número de amigas tome parte nessa competição. Quanto maior for o nosso número de concorrentes, mais facilmente o prêmio poderá ser conquistado. Assim, se 500 pessoas trabalharem, uma dessas pessoas poderá vencer levando o prêmio com um número insignificante de assinantes. A nossa exigência é que a cota seja coberta até 31 de julho.



tenha mais mil assinantes na data fixada.

Veja bem: você não tem que arranjar mil assinaturas sozinha. Não. Precisa, isso sim, ser a primeira entre as concorrentes, quando o concurso atingir mil assinantes.

Compreendeu?

A vencedora, está claro, que ganhará um presente bonito — Escreva um bilhete assim para a nossa redação:

FESTAS

Nossa amiga Judith Mota Lima teve dia 18 deste mês um menino. Chama-se Ricardo. O papai Damaso e o vovô Pedro estão radiantes.

Nós também que desejamos um mundo bom para Ricardo.

— Dia 5 p. passado o casal Isolina e Alípio de Souza ganharam uma meninazinha que se chama Solange.

Muita vida, muita felicidade, Solange.

Leni, o menino bonito de nossa capa, filho de Raimundo Barros Filho e Delecarlina Araripe Barros completará dois anos no próximo dia 9 de maio.

Geléias Louise Alderson



As melhores geléias, feitas de frutas frescas Rico alimento para as crianças — Saboroso e nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.ª ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92
Telefone: 38-3030 — Rio

SRA. GERENTE

Peço uma assinatura de MOMENTO

FEMININO para (nome)

..... (enderêço)

..... (cidade)

..... (Estado)

Meu nome

Enderêço

Assinatura

Incluso, Cr\$ 12,00, Cr\$ 22,00 ou Cr\$ 40,00 .

vessado há uma hora, enquanto a rapariga alta e o garôto insolente, também fornidos de paus, delicadamente os escoltaram durante os cem primeiros metros, com gritos e pancadas no burro.

Nem Leonor, naquela sua sobrenatural excursão à meia-noite com o fantasma amado, ficou mais aterrorizada do que a pobre Maggie no seu natural passeio num burro de passo curto com um cigano atrás dela, pensando em ganhar meia libra. A luz vermelha do pôr-do-sol parecia ter uma significação de mau agouro, com a qual o zurro inquietador do burro devia ter alguma relação. Duas cabanas baixas, cobertas de colmo — as únicas casas por que passaram naquela excursão — pareciam aderir ao seu pavor. Não possuíam janelas, para ver alguma coisa, e a porta estava fechada. Era provável que fossem habitadas por feiticiras, e era um alívio pensar que o burro não tinha parado lá.

mais longo do mundo, chegou a um termo, e abriu-se para a larga estrada real, onde uma carruagem passava.

Afinal — oh, que vista alegre! — esse caminho, o E tinha um marco do lado. Ela certamente tinha visto este marco antes. — Para St. Ogg's, 2 milhas.

O cigano pretendia realmente levá-la para casa, então. Provavelmente êle era um bom homem, afinal de contas, e tinha ficado meio bravo por ela não querer ir sozinha em sua companhia. Essa idéia acentuou-se à medida que ela se foi sentindo mais e mais certa de que conhecia o caminho muito bem, e estava pensando como poderia começar uma conversação com o cigano ofendido e não só retribuir os seus sentimentos como apagar a impressão de sua covardia, quando, ao alcançar uma estrada transversal, Maggie pôde ver alguém vindo num cavalo do focinho branco.

— Oh, páre, páre! — ela gritou. — E' meu pai! Oh, papai, papai!

A alegria repentina era quase dolorosa e antes que o pai a alcançasse ela já estava soluçando.

Foi grande a admiração do moleiro, porque tinha saído para dar uma volta por Bassét, e não tinha ainda estado em casa.

— Ué! o que quer dizer isso? — perguntou êle refreando o cavalo, enquanto Maggie escorregava do burro e corria para perto dêle.

— A pequena se perdeu, penso eu, disse o cigano. Ela chegou até a nossa tenda, lá para o fim de Dunbow Lane, e eu a estava levando para onde ela disse que era a sua casa. E' um bom pedaço para se fazer, depois de se ter andado a pé o dia inteiro.

— Oh, sim, papai, êle foi muito bom de me trazer para casa, disse Maggie — é um homem muito bondoso, muito!

— Tome, então, meu amigo, disse Tulliver, tirando cinco shillings. E' o melhor dia de trabalho que você já fêz. Eu não podia perder a minha filhinha. Ponha-a aqui na garupa.

— Como, Maggie? Que é isso? Que é isso? — perguntou êle quando começavam a andar, enquanto a menina deitava a cabeça no seu ombro e soluçava. Que é que lhe aconteceu, para você ir parar lá, e se perder?

— Oh, papai, eu fugi de casa porque me sentia muito infeliz! Tom estava tão zangado comigo! E eu não podia suportar isso!

— Ora, ora, disse Tulliver meigamente, você não devia fugir de seu pai. Que é que eu ia fazer sem a minha filhinha?

— Oh, não, nunca mais farei isso, nunca!

Tulliver expôs os sentimentos da menina muito severamente quando voltaram para casa naquela tarde, e a prova está no fato notável de Maggie não ter ouvido nenhuma censura de sua mãe ou uma caçoada de Tom, sobre a sua loucura de querer fugir para morar com os ciganos. Maggie ficou meio espantada com o desusado tratamento, e chegava a pensar que a sua conduta tinha sido ruim demais, para ser referida.

CAPÍTULO XII

O casal Glegg em casa

Para ver o casal Glegg em casa precisa-se entrar na cidade de St. Ogg's, aquela venerável cidade com os telhados estriados de vermelho e pardo e os rústicos armazéns onde os navios escuros descarregam as suas cargas do norte longínquo, e carregam em troca os preciosos produtos do interior, os queijos bem amassados e as lãs macias, dos quais os meus refinados leitores já tomaram, sem dúvida, conhecimento, por intermédio dos melhores clássicos pastoris.

E' uma dessas cidades velhissimas que nos impressionam, como a continuação e o desenvolvimento da natureza, tanto quanto os ninhos dos passarinhos ou as galerias circulares das formigas, — uma cidade que carrega os traços de sua origem e tradição como uma árvore milenária. Nasceu e se desenvolveu no mesmo lugar, entre o rio e a montanha baixa, nos tempos em que as legiões

de romanos voltavam as costas para os campos ao lado da montanha e que os reis dos mares, de cabelos compridos, vinham até o rio e contemplavam com olhos ferozes e audazes a abundância da região. É uma cidade "familiar, há anos esquecida". A sombra do rei herói-saxão, passela agitado por lá recordando as cenas da sua juventude e do tempo do seu amor, e se encontra com a melancólica sombra aterradora do pagão Dano, que foi virado, no meio dos seus guerreiros, pela espada de um vingador invisível, e se levanta, nas noites de outono, como uma névoa branca, de seu túmulo, na montanha, para esvoaçar pela velha entrada do castelo, ao lado, do rio. No lugar em que ele foi morto tão violentamente em outros tempos, estava agora construído o castelo. Foram os normandos que começaram a construir aquela linda e velha mansão, que, à semelhança da cidade, nos conta os pensamentos e feitos das gerações antigas. Mas tudo ali é tão velho, que olhamos com tolerância amorosa para as suas inconsistências, e ficamos satisfeitos que aqueles que construíram as arcadas de pedra, e os que construíram as góticas fechadas de lindo e delicado trabalho de tijolo, formando ornamentos de trevos, e as janelas e seteiras rodeadas de pedras, não tenham demolido, sacrilegamente, a antiga parte feita de madeira, com as salas de fetsim forradas de carvalho.

Porém, mais antigo ainda que o velho castelo, é talvez o pedaço de muro construído dentro do campanário da Igreja da paróquia, que dizem ser o remanescente da original capela dedicada a St. Ogg, o santo patrono da cidade, sobre cuja história existem tantas versões manuscritas. Eu me inclino mais pelo resumo, pois, se o mesmo não é inteiramente verdadeiro, ao menos é agradável contar essa mentira.

Ogg, o filho de Beorl, diz o meu particular agiógrafo, — era um barqueiro que levava uma vida miserável, transportando passageiros através do Rio Floss. E aconteceu que, um tarde em que os ventos eram muito fortes viu chorando na margem do rio uma mulher com um criança nos braços. Estava em farrapos e tinha um olhar cansado e abatido. Rogava para ser levada através da água. O homem a interrogou: — "Porque queres tanto atravessar o rio? Espera aqui até amanhã, e arranja um abrigo para passar a noite. Assim será mais prudente, e não farás loucuras". Ela continuou a se lamentar e a rogar. Porém Ogg, o filho de Beorl, chegou e disse: "Eu te transportarei. É bastante que o teu coração o peça". E ele a transportou para o outro lado. E aconteceu que

quando a mulher desembarcou, seus farrapos se haviam transformado em vestes de resplandecente brancura, sua face brilhava de deslumbrante beleza, e havia uma aureola em redor de tudo, pois espalhava uma luz por sobre as águas como se fôsem os raios da lua. E ela disse: "Ogg, filho de Beorl, és abençoado porque não fizeste questões e disputas com o que o coração pedia, mas foste tocado de piedade, e deste um alívio a um coração. De ora em diante, quem estiver no teu pequeno barco não correrá perigo nas tempestades. E mesmo que desafies a fúria da ressaca, salvarás as vidas dos homens e dos bichos". Toda vez que as enchentes vieram, muitos foram salvos pelo barco de Ogg, filho de Beorl. Quando êle morreu, observaram que com a partida de sua alma o barco se soltou do ancoradouro, com a fôrça da maré, e foi em grande velocidade até o oceano. E nunca mais foi visto. Depois disso, nas enchentes, houve quem visse a aparição de Ogg, filho de Beorl, numa barco sôbre as águas revoltas, com a Santa Virgem sentada na proa, espalhando luz em redor, como a da lua no seu esplendor, tanto assim que os condutores, na completa escuridão, tomavam coragem e remavam novamente.

Esta lenda, como vemos, demonstra a visita das enchentes desde os tempos remotos, as quais, mesmo deixando as vidas humanas ilesas, eram fatais para o gado indefeso e assolavam com a morte repentina as pequenas coisas viventes.

Porem a cidade conheceu piores desgostos ainda do que as enchentes — os desgostos das guerras civis, quando era um campo de combate permanente, onde os primeiros Puritanos louvavam a Deus pelo sangue dos realistas, e os realistas agradeciam a Deus pelo sangue dos Puritanos. Muitos cidadãos honestos perderam os seus bens, por consciência, naquele tempo, a favor de sua cidade natal. Sem dúvida muitas casas estão agora nos lugares aos quais êsses cidadãos honestos voltaram as costas com tristeza — excêntricas e bonitas casas de frente para o rio, comprimidas entre novos armazéns, e abertas por surpreendentes passagens, que viravam e reviravam em ângulos e voltas, conduzindo finalmente para uma praia lodosa, inundada continuamente pela enchente da maré.

As casas de tijolos ofereciam sempre uma vista alegre e nos tempos da senhora Glegg não tinha incongruentes elegâncias de roupas novas, nem pratos de cristal nas vitrines, nem frescos revestimentos de cimento ou outros

atentados falazes para tornar refinada a velha St. Ogg's, dando-lhe o ar de uma cidade que nasceu na véspera. As vitrines eram pequenas e despretensiosas, porque as espôsas e filhas dos fazendeiros que vinham para fazer suas compras nos dias de mercado não iam se afastar de lojas suas conhecidas, e os comerciantes não queriam suas mercadorias para os fregueses que viessem uma vez e nunca mais fôsem vistos. Ah! como o tempo da senhora Glegg nos parece distante no passado, separado de nós por mudanças que alargaram os anos! Guerras e rumores de guerra tinham então morrido nos pensamentos dos homens, e se alguma coisa era lembrada pelos fazendeiros desleixados, metidos em casacões, sacudindo os grãos dos sacos de amostra e apreguando as mercadorias no mercado cheio, era o estado das coisas que pertenceram à passada idade de ouro em que os preços eram altos. Certamente êsse tempo se tinha ido para sempre, antes do rio deixar entrar navios importunos. A Rússia era o único lugar de onde podiam vir os canos — quanto mais melhor — que faziam chegar a água às grandes mós dos moinhos, com seus braços que pareciam foices, gemendo e moendo, sem descanso, como se uma alma habitasse neles.

Os católicos, as más colheitas e as misteriosas flutuações do comércio, eram os três inimigos temidos pelo gênero humano da cidade. Mesmo as enchentes não tinham sido tão fortes como antigamente. O espírito de St. Ogg não olhava épocas. Pertencia a um longo passado, sem pensar, e não tinha olhos para as idéias que vagavam pelas ruas. Desde os séculos antigos, quando St. Ogg, com o seu barco tendo a Virgem Maria sentada à proa, foi visto nas extensas águas, que outras recordações foram deixadas para trás, e gradualmente se desvaneceram, semelhantes às montanhas que se afastam. O tempo presente era liso e chato e os homens perderam a crença em vulcões e terremotos, pensando que o dia de amanhã será igual ao de ontem, e que a gigantesca fôrça que fazia tremer a terra estava para sempre adormecida. O tempo em que as pessoas se ocupavam grandemente com as suas crenças tinha passado, e imperceptivelmente mudado. Os católicos eram formidáveis por terem conseguido governar, prender e queimar homens vivos, mas nenhum honesto e são paroquiano de St. Ogg's podia ser persuadido a acreditar no Papa. Um padre idoso lembrava-se como uma multidão furiosa fora dominada, quando John Wesley pregava no mercado de ga-

do. Mas havia já muito tempo que não se esperava que algum pregador conseguisse abalar as almas dos homens. Uma ocasional explosão de fervor nos púlpitos dissidentes, sobre o batismo de crianças, foi o único sintoma de um ardor impróprio para tempos moderados, em que os homens eram tão diferentes.

O Protestantismo estava em sossêgo, esquecido de cismas, descuidado de proselitismo. O Dissentimento era uma herança com objetivo particular, referente a negócios. Os homens das instituições eclesiásticas apenas admiravam desdenhosamente o Dissentimento como um costume louco ao qual aderiam fortemente as famílias de negociantes de mercearias e vendas, embora não fosse incompatível com o próspero negócio por atacado. Porém com a questão católica, houve um leve sopro de contravérsia para quebrar a calma. O reitor, diácono, tinha ficado casualmente historiador e argumentativo, e o senhor Spray, o ministro independente, começou a fazer sermões políticos, nos quais demonstrava com muita sutileza sua crença fervorosa no direito dos católicos à salvação, e sua crença também fervorosa na perdição eterna. Porém muitos dos ouvintes do senhor Spray eram incapazes de lhe seguir as sutilezas e alguns dos velhos partidários do Dissentimento ficaram muito aflitos pela sua adesão aos católicos, enquanto outros achavam que era melhor deixar a política, de lado. O espírito político não era tido em alta estima em St. Ogg's, e homens que se ocupavam com questões políticas eram considerados caracteres suspeitos e perigosos. Eram, geratmenle, pessoas que tinham pouca ou nenhuma ocupação própria para se distrair, e, se a tinham, esta era bastante fácil para não se tornar empecilho à falta do que fazer.

Esse era o aspecto geral das coisas em St. Ogg's, nos dias da senhora Glegg, nesse período particular da sua história de família, quando houve aquela briga com o senhor Tulliver. Foi num tempo em que a ignorância era mais confortável do que atualmente e era recebida com tôdas as honras na alta sociedade, sem ser obrigada a revestir-se de uma elaborada capa de ciência. Tempo em que não havia preços baixos, e em que um cirurgião do campo nunca pensou em perguntar às suas clientes mínimas se gostavam de ler, porque supunham geralmente que preferiam tagarelar. Tempo em que as senhoras usavam ricos vestidos de sêda com grandes bolsos, nos quais carregavam um osso de carneiro para livrá-las das câimbras. A senhora Glegg levava sempre um osso dêsses, que ela herdara de sua avó com um vestido de brocado que parava em pé sózinho, como um jôgo de

armaduras, e uma bengala de castão de prata. Porque a família Dodson era respeitável há muitos gerações.

A senhora Glegg tinha duas salas, uma na frente, outra no fundo de sua excelente casa em St. Ogg's, de maneira que contava com dois pontos de observação pelos quais podia inspecionar a existência de seus semelhantes e reforçar suas ações de graças pela sua excepcional força de espírito. Das janelas de frente podia olhar a Estrada Softon, que conduzia para fora de St. Ogg's, e notar a crescente tendência para vagabundar, nas mulheres dos homens se mocupação, e que tinham e costume de usar meias tecidas de algodão, abrindo assim um triste precedente para a geração vindoura. Das janelas de trás, podia ver os jardins bonitos e os pomares que se estendiam até o rio, e observava a loucura do senhor Glegg que passava o tempo entre flores e legumes. O senhor Glegg, tendo-se retirado das atividades dos negócios de lãs, com o propósito de se divertir o resto da vida, tinha achado essa última ocupação tão séria quanto julgava o negócio que tinha gerido. Com um trabalho árduo de amador, e sem desperdícios, habitualmente fazia o trabalho de dois jardineiros comuns. A economia do salário de um jardineiro induziria talvez a senhora Glegg a consentir nessa mania, se fôsse possível para um espírito de mulher sadia ter que simular respeito por uma mania do marido.

Mas é bem sabido que essa complacência conjugal é exercida pelo sexo fraco apenas como uma pausa estabelecida no prazer de mandar, que é quase sempre racional e recomendável.

O senhor Glegg, por seu lado, tinha uma dupla fonte de ocupações mentais, as quais prometiam ser inesgotáveis. De um lado, surpreendia-se com descobertas de História Natural, achando que aquele pedaço de solo do seu jardim continha lagartas admiráveis e insetos dos quais tinha ouvido falar ligeiramente, que nunca atraíram antes a observação humana; e notava interessantes coincidências entre êsses fenômenos zoológicos e os grandes acontecimentos daquela época. Por exemplo, antes do incêndio de York Minster, havia misteriosas marcas de serpentes nas roseiras, juntamente com invulgar aparecimento de lesmas, ficando o senhor Glegg embasbacado para saber a razão disso, até que se desencadeou aquele triste acontecimento.

Glegg tinha um grande acúmulo de atividade mental e quando se desembaraçou do negócio de lãs procurou caminho em outras direções. O seu segundo assun-

to de meditação era a "dificuldade" da alma feminina, tipicamente exibida pela senhora Glegg.

Que uma criatura feita — num censo genealógico — de uma costela do homem, e, nesse caso particular, mantinha em alta respeitabilidade sem nenhum contratempo, estivesse normalmente num estado de contradição com as mais meigas proposições e também com as mais cómodas concessões, era um mistério no esquema das coisas, para-as quais êle tinha tantas vezes procurado uma solução nos antigos Capítulos do Gênese.

O senhor Glegg tinha escolhido a mais velha das senhoritas Dodson, como um lisonjeiro espécime da prudência feminina, e sendo êle próprio um homem acostumado a ganhar e economizar dinheiro, tinha calculado uma completa harmonia conjugal. Porém com aquele curioso caráter feminino aconteceu facilmente que a mistura não safu boa, a-pesar-dos excelentes ingredientes, pois uma economia sistemática pode ser acompanhada de um tempêro que lhe estraga completamente o gôsto. O bom senhor Glegg se tornou, êle próprio, duma economia que os vizinhos chamavam de mesquinha, porque a consideravam digna de um perfeito avarento. Se você mostrasse gostar de cascas de queijo, o sr. Glegg se lembraria de guardá-las para você, pela vontade amável de agradar o seu paladar. Amimava todos os animais que não requeriam sustento especial. Não havia fingimento nem hipocrisia no proceder do senhor Glegg. Seus olhos poderiam ficar molhados de verdadeiro sentimento pela venda dos móveis de uma viúva, que poderia ser evitada por uma nota de cinco libras do seu bolsinho do colete. Mas dar cinco libras a uma pessoa "de vida modesta" poderia parecer-lhe mais uma espécie tola de prodigalidade, pois êle entendia por caridade uma contribuição com pequenos auxílios, e não uma neutralizadora de desgraças. Glegg gostava tanto de poupar o dinheiro dos outros como o seu próprio. Teria galopado longe procurando evitar um obstáculo tanto para as contas que estavam para lhe ser pagas como para as que deviam ser pagas por êle, e era muito zeloso em procurar induzir os conhecidos, mesmo os indiferentes, a adotar um substituto barato para tingir. Esse inalienável hábito de poupança como uma costume próprio pertencia aos industriosos homens de negócios de uma antiga geração que fazia fortuna vagarosamente, como um cão de caça no rastro de uma raposa. Constituía uma "raça" que se foi perdendo em nossos dias de rápido ganha-pão, quando a prodigalidade se sobrepõe a vontade. Nos tempos antigos,

COZINHA

Frango de molho pardo

O sangue do frango deve ser aparado em um prato fundo contendo um pouco de sal e vinagre, e mezido para não coagular.

Depois de depenado o frango, aberto e bem limpo e cortado pelas juntas tempero com sal, cebolas picadas e vinagre e guarde até a hora de ir para o fogo.

Refogue numa caçarola com gordura, cebola, tomate, cheiro e uma folha de louro. Deixe corar um pouco, ponha água e tape a caçarola. Durante mais ou menos uma hora o frango estará cozido. Alguns minutos antes junte o sangue mexendo bem.

Pode ser servido com arroz.

Pudim de legumes

Cozinhe quatro cenouras, dois nabos, algumas ervilhas, um ramo de aipo e grelos. Escorra bem a água e leve ao fogo com um dente de alho, pimenta do reino, uma colher de farinha de trigo e sumo de limão. Estando bem ligado passe para uma forma, depois polvilhe com farinha de rósca, pinte com gema de ovo e leve ao forno para cozer.

Pudim de aipim

Ingredientes:

1 pires bem cheio de aipim ralado; 1 pires bem cheio de queijo ralado; 1 xícara de açúcar; 1 colher de sopa bem cheia de manteiga; 1 ovo inteiro e 3 ovos batidos.

Misture bem, batendo o necessário, ponha em forma untada com manteiga e leve ao forno quente.

Receitas Práticas

Amiga, você precisa de um desinfetante para matar os insetos em seu lar? Os produtos que estão no mercado são caros e a bomba de "flit" está vazia.

Então, ensinaremos a você como preparar o seu inseticida. Compre 150 gramas de salicilato de mitila, e 1 dúzia de naftalinas na farmácia e mais 1 garrafa de querosene no armazem. Soque a naftalina e misture no querosene adicionando por último o salicilato de mitila.

Encha depois a bomba de "flit" e faça sua guerra aos mosquitos.

Já que estamos ensinando coisas vamos lembrar a crise do sabão. Lembrar, não é bem. Vamos ensinar a você como se prepara o sabão:

7 litros de água, 1/2 lata de soda cáustica, 1/2 quilo de breu e 2 quilos de sebo.

Pica-se o sebo e deixa-se ferver durante 50 minutos

tendo-se o cuidado de mexer sempre. Põe-se depois o breu que deve ser moído e depois de algum tempo da fervura põe-se a soda aos poucos estando já diluída em 1 litro de água fria.

Finalmente, deixa-se ferver ainda 2 horas mexendo sempre e em fogo brando.

O fermento que você usa nos seus bolos também pode ser fabricado em casa. Vejamos como:

Cremôr de tártaro 500 grs.
Maizena 250 grs.
Bicarbonato 250 grs.

Depois de tudo bem misturado peneire umas 6 vezes e depois guarde em uma lata bem. Vamos ensinar a você de a lata em lugar arejado e bem fechada.

Uma União Feminina em atividade

Comunica-nos a União Feminina de Laranjeiras e Aguas Férreas que foi instalado e esta funcionando um curso de alfabetização para suas associadas e para todas as pessoas interessadas moradoras do bairro, às quartas e sextas-feiras, às 20 horas em sua sede, à rua Marquês de Abrantes, 144.

Funciona igualmente um curso de corte e costura às quartas e sextas-feiras, à rua da Laranjeiras, 44, sala 5.

Esta União em sua última reunião ordinária resolveu, por aprovação unânime da assembléia dar sua adesão à Comissão Central de Ajuda às vítimas de Deodoro, criando uma comissão especial para este trabalho.

Para o bom êxito deste trabalho a União Feminina pede a adesão dos moradores do bairro e o envio de donativos, para a rua das Laranjeiras, 445, sala 5.

Curso de Enfermagem na Escola do Povo

Continua em progresso a popular instituição

A E. P. continua seus esforços, procurando desenvolver suas atividades, ampliando seus cursos, servindo afinal ao povo, no setor educacional e cultural na medida de suas forças.

Agora mesmo, a Escola do Povo vai iniciar um novo curso, com o mesmo fundamento útil característico dos cursos da Escola. Trata-se do curso de "Enfermagem", que se destina a dar às alunas o conhecimento necessário e útil de "socorros urgentes", curativos, assistência infantil etc., sendo que

no decorrer do mesmo serão ministradas aulas de "prática hospitalar" em estabelecimentos idôneos. As professoras desse curso são alunas e enfermeiras da Escola Ana Nery, o maior estabelecimento oficial de ensino de enfermagem do Brasil.

As inscrições para o curso já se acham abertas na secretaria da Escola do Povo, sito à av. Venezuela, 27, 6.º andar, sendo inteiramente gratuitas e as aulas serão iniciadas no princípio do próximo mês.

E assim continua a nossa escola cumprindo o seu programa. Mas não esqueçam leitoras amigas, que essa benemérita instituição, precisa também de seu auxílio financeiro e seu apoio moral. Entre para sócia da Escola do Povo, e tenha a certeza de ter cumprido com um dever de lealdade para com uma instituição legitimamente popular.

CLÍNICAS DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG
2as., 4as. e 6as.-feiras — Das 15 às 18 horas
Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID
3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas
RUA MÉXICO, 21 — 19.º AND. - SALA, 1901
TELEFONE: 32-7799



Agradecemos aos amigos e amigas as respostas que vêm dando à nossa "enquete" de crítica e sugestões.

SUZANA SIQUEIRA — Você está contente conosco? Melhoramos? Atendemos ao seu apêlo?

AIDA — E você acha que atendemos sua sugestão?

CARLOS FERREIRA —

Procuraremos atender seu pedido. As duas escritoras têm produzido pouco. Mas a culpa não é do jornal.

Aos que nos escreveram sem assinar perguntamos se estão mais satisfeitos com o MOMENTO. Todas as sugestões foram analisadas pela redação e atendidas na medida do possível.

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL CLINICA E CIRURGIA DE SENHORAS DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecol. da CAP da Light — Laureado pela Academia Med. — Consultas com hora marcada — Edifício Carioca, sala 293 — às 16 horas — Tel. 42-7550

Uma professora na Câmara de Itabuna

O Partido Trabalhista da cidade de Itabuna, na Bahia, elegeu suplente à vereança local a professora Maria Rita de Almeida Fontes. Já diplomada, a jovem professora vai ingressar na Câmara de sua cidade, onde se verificou uma vaga. A um jornalista ela declarou que até então "viviu para seus pais, seus alunos e suas bandeirantes. Entretanto, os problemas sociais sempre a preocuparam. O contingente de trabalho que a mulher atual vem prestando ao mundo só é encarado com certo ceticismo porque os homens não se conformam em considerar as mulheres mais do que bonecas animadas, objetos de salão, enfim. Com o tempo se compreenderá, que, na nossa luta por um lugar ao sol, os nossos objetivos são os mais altruísticos possíveis".

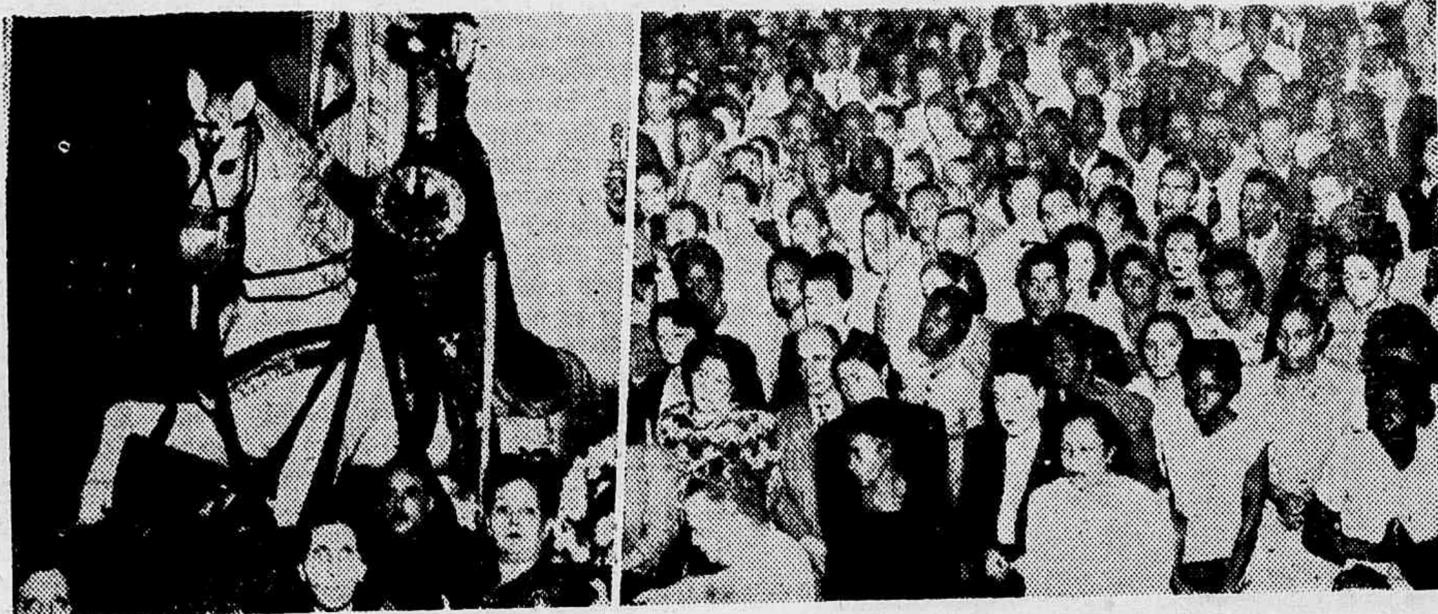
LEIAM
FOLHA CAPIÇABA
Jornal que defende
o Povo
ESPIRITO SANTO

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2. — Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 16 horas.

Exceto aos sábados — Fone: 23-1064 —



São Jorge, é um dos santos mais amados pelo povo carioca. Pretos e brancos, ricos e pobres na Igreja da Praça da

São do dia conagrado à ele nossos clichês. Pretos e brancos, República pedem graças à São Jorge.



UMA CENA DO "JUSTICEIRO"



Bette Davies, o genial artista de tantos grandes filmes dá-nos aqui uma blusa estampada muito original. Você pensou que Bette Davies exibia as suas condecorações?

CINEMA

Inconfidência Mineira

Pobre o triste cinema nacional. Há dez anos que "Inconfidência Mineira" está sendo feita. Verdadeiros romances surgiram em torno desse filme. Contavam-se sobre ele as mais estranhas histórias. E ele surge afinal como um único mérito: o da persistência de Carmem Santos que o dirigiu. Carmem está lá também como Bárbara Heliodora. Toda a simpatia pessoal desta cronista por essa mulher destemida e trabalhadora não pôde vencer a impressão ruim que esse papel deixa na gente. R. Meyer será um bom ator de cinema nas mãos de um bom diretor. Em "Tiradentes" e ruim. Guarda o ar de Teatro; seus monólogos são de palco, e o nosso querido Alferes torna-se às vezes quase ridículo. O som, ah o som é tão ruim, tão ruim, tão divorçado da fotografia que muitas vezes o ator fica com

sua capa no ar esperando que a sincronização marque a sua retirada. Quando os dois meninos vão dançar o minueto — coitadinhos — ficam a espera da música... Meu Deus, como o filme é ruim. Aquêles Gonzaga, aquêles Cláudio, aquêles Alvarenga são ruins de doer. Salva-se no filme umas fotografias (algumas ótimas), os costumes e ambientes da época (só quem sabe história é que pode sentir isso) e... mais nada.

Tenho ouvido vários fãs reclamarem contra a impossibilidade de se entender qualquer coisa. Um chegou a dizer: "Deviam ter colocado legendas em português". Realmente a dicção é das piores.

Mas basta de falar mal. Esperemos que o cinema brasileiro um dia melhore. Por enquanto, coitadinho lastimável.

TEATRO

Estreou ontem no Teatro Ginástico em tradução do escritor Genolino Amado e interpretação de Henriette Mowineau e outros, a peça "MEDEIA".

Campanha de solidariedade as vítimas de Deodoro

Em visita recebida pelo Sr. Ministro da Guerra, um grupo de senhoras representantes de várias Instituições Femininas do Distrito Federal, apresentou sua solidariedade às vítimas da tragédia de Deodoro, e ofereceu a sua colaboração nos trabalhos de socorro e assistência às pessoas e famílias da zona sinistrada.

O Sr. Ministro, agradecendo às senhoras presentes, declarou que prestaria à Comissão todos os informes necessários a boa desincumbência de sua missão.

Assim sendo, apelamos para todas as Associações Femininas no sentido de que adiram a esta Campanha e fazemos um apêlo a quantos queiram aderir a este movimento de solidariedade humana.

As Associações Femininas e pessoas que queiram colaborar neste movimento, podem enviar as suas adesões a Secretaria da comissão, a Av. Almirante Barroso, n. 97-6.º andar-s|606.

Cacilda Martins, Alice Tibiriçá, Nuta Barillet James, Raimunda Alves da Cunha

occia, Alice Tavora, Jurema Finamour, Léa Sá Carvalho, Ana de Oliveira Laport, Zilda Melo, Stela Guerra Duval e Marieta Jackson.

ADESÕES, INFORMAÇÕES, ESCLARECIMENTOS: — Diariamente das 14 às 18 horas à Av. Almirante Barroso, 97-s|606.

QUALQUER DONATIVO EM ESPÉCIE: — Remédios, gêneros e roupas já podem ser enviados para os seguintes postos:

Sra. Cunha Soccia — Rua Candelária, 9.
Sra. Cacilda Martins — Rua Paula Ramos, 16.

Sra. Esther Cruz Lima — Rua Voluntários da Pátria, 166.

Sra. Alice Tibiriçá — Av. Almirante Barroso, 97.

Sra. Stela Guerra Duval — Pró-Matre — Av. Venezuela.

NINGUEM MAIS ESTA AUTORIZADO A RECEBER DONATIVOS EM NOME DA COMISSÃO.